

Experimentado sertanista e escritor militar, o autor impôs-se a importante tarefa de vulgarizar, pela imprensa, os trabalhos executados nos sertões do Brasil pela Comissão Rondon, da qual foi um dos componentes mais atuantes. Reunindo posteriormente os artigos publicados em jornais do Rio de Janeiro, deu à estampa este volume, cuja primeira edição apareceu em 1928. Todavia, além dos artigos da imprensa, juntou ao livro novas descrições, complementando aqueles, constituindo, uns e outros, excelentes páginas sobre as explorações geográficas no Brasil. Entre elas, os relatos relativos aos rios Paranatinga, São Manoel ou Teles Pires, Ikê, Jurueña, do Sangue, Papagaio, da Dúvida ou Roosevelt, Jaci-paraná, Arinos, Jamari e outros; notícias sobre zonas auríferas e águas termais em Mato Grosso e notas antropométricas sobre os silvícolas.-ONM

Vol. 196 — *Felix Cavalcanti de Albuquerque Melo: Memórias de um Cavalcanti*. 1940. 194 pp.

Contém este volume trechos do "livro de assentos" de Felix Cavalcanti de Albuquerque Melo (1821-1901), escolhidos e anotados pelo seu bisneto, Diogo de Melo Menezes, com introdução de Gilberto Freyre. Precioso exemplo de um códice dos arquivos de família, de grande interesse para a história social do Brasil, como o prova o uso que deles tem feito o autor de *Casa Grande e Senzala* para os seus imprescindíveis trabalhos sobre a formação patriarcal da sociedade do nordeste brasileiro.-ONM

Vol. 197 — *Richard F. Burton: Viagens aos planaltos do Brasil*. Trad. de Américo Jacobina Lacombe. 1941. 478 pp.

Richard Francis Burton (1821-1890), viajante inglês, cujo nome está ligado a grandes viagens de exploração no continente africano, viveu algum tempo no Brasil, exercendo as funções de cônsul de seu país na cidade de Santos, de 1865 a 1868. Nessa época, empreendeu a viagem ao vale do São Francisco, que descreveu no importante livro *Explorations of the highlands of the Brazil*, publicado em Londres em 1869. Trata-se de uma das mais importantes peças da literatura dos viajantes do século XIX. Lamentavelmente, a tradução encetada por Américo Jacobina Lacombe e constante deste volume da "Brasilliana", ficou incompleta, tendo sido publicado apenas o primeiro dos três volumes que a edição deveria comportar. A parte traduzida e publicada compreende o trecho "Do Rio de Janeiro a Morro Velho". Nenhuma informação temos acerca dos motivos que teriam determinado a interrupção de tão importante obra, e como trinta anos já são passados desde que este primeiro volume apareceu, não nos resta muita esperança de ver a valiosa obra de Burton posta, na íntegra, ao alcance do leitor brasileiro. Mas que ela merece uma tradução completa, não resta a menor dúvida e oxalá isso um dia seja feito para o enriquecimento do nosso conhecimento sobre a literatura dos grandes viajantes estrangeiros do século XIX.-ONM

Vol. 198 — *Carlos Rubens: Pequena história das artes plásticas no Brasil*. 1941. 387 pp.

"Sem críticos profissionais ou imprensa especializada e num meio de ordinário hostil ao seu florescimento, as artes plásticas sentiram de contínuo a falta de historiadores e críticos de profissão, de conhecedores e apaixonados..." Daí, o autor ter procurado suprir, dentro de suas possibilidades, sanar as deficiências apontadas. Sua obra não pretende ser mais do que o título diz: uma "pequena história das artes plásticas no Brasil", em que trata das origens, da contribuição dos holan-

deses, da "escola fluminense", da missão francesa de 1816 e dos principais centros de estudos e atividades artísticas fundados no Brasil no século passado. Não tendo sido reeditado, livro carece de atualização e mesmo de complementação. Todavia, permanece uma das poucas obras existentes sobre o assunto, e como tal, de grande utilidade.-ONM

Vol. 199 — *Gustavo Barroso: O Brasil na lenda e na cartografia antiga.* 1941. 206 pp.

Interrompendo uma quase inútil "história secreta do Brasil", que, aliás, não chegou a concluir, voltou-se o sr. Gustavo Barroso para uma das áreas de sua predileção, sobre a qual já havia escrito, não propriamente livros, mas capítulos interessantes de alguns livros anteriores: a geografia histórica e a história da cartografia. A este propósito, o presente volume representa inegavelmente uma valiosa contribuição. Nele são abordados assuntos que há muito vêm fascinando numerosos autores: o nome Brasil, as ilhas do Mar Tenebroso, o "Brasil de São Brandão", o pau brasil, a etnologia da própria palavra que deu nome ao nosso país, o globo de Behaim, as Ilhas Venturosas e outros ainda. Em apêndice, um estudo de Carlos Malheiro Dias sobre a famosa carta do Mestre João, o texto integral da "Nova Gazeta da Terra do Brasil" e um capítulo do próprio autor sobre o nome "América".-ONM

Vol. 200 — *Charles Frederick Hartt: Geologia e Geografia Física do Brasil.* Trad. de Edgard Süsserkind de Mendonça e Elias Dolianiti; Intr. de Roquette Pinto, 194 pp.

O presente volume mereceria um registro especial. Com ele a importante coleção "Brasiliiana" atingiu, vinte anos depois de criada, o seu segundo centésimo volume, o que representa a alta média de dez volumes por ano. Para o seu volume 200 foi escolhida a tradução de uma das mais importantes obras científicas publicadas sobre o Brasil no século passado. Charles Frederick Hartt (1840-1878), veio ao Brasil pela primeira vez em 1865 na famosa "Thayer Expedition", de que fazia parte, o grande Agassiz; menos de dez anos depois retornava ao nosso país, donde não mais saiu, pois faleceu no Rio de Janeiro em 1878. Sepultado no Cemitério S. Francisco Xavier, seu corpo foi posteriormente trasladado para os Estados Unidos. Desta segunda vez veio especialmente contratado pelo governo Imperial para organizar o serviço geológico do Império, órgão que, passando pelas naturais transformações decorrentes de seu próprio desenvolvimento, ainda existe, tendo prestado, neste século de sua existência, os mais assinalados serviços à ciência geológica e mineralógica em nosso país. Entre o muito que escreveu sobre o Brasil no terreno de sua especialidade, destaca-se esta obra *Geology and Physical Geography of Brazil*, publicada originalmente em Boston, em 1870. Dele e do autor, escreveu Roquette Pinto no prefácio para esta edição: "O encanto que têm os trabalhos de Hartt vem, ao que penso, dos acentuados traços artísticos de sua personalidade. Era emérito observador, incansável e atento; mas possuía alma de apurada sensibilidade. Hartt era mestre do desenho a bico de pena e pianista de seguros dotes. Este livro está muito longe de ser um apanhado enxuto e áspero de geologia do Brasil. Ao contrário. Nele palpita a vida do nosso povo, na época de Hartt: usos, costumes, notas históricas, anedotas, traços de informações locais e cores bem típicas, todo o panorama do Brasil de 1870. O naturalista felizmente deixou discípulos. Entregou a sua escola a Orville Derby e a Gonzaga de Campos. Ela floresceu como devia, por ser de boa semente". — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.